

Bandeira Tribuzi é o autor dos versos que Sarney citou na ONU

24 SET 1985

JORNAL DO BRASIL

Nem Gonçalves Dias nem Ferreira Gullar. Para o maranhense José Sarney, o maior poeta de sua terra é Bandeira Tribuzi (1927-1977), autor de "A Máquina do mundo", poema do qual retirou os versos "que tempo de viver-se/que sonho raro/ será mais puro e belo e mais profundo do que esta viva máquina do mundo" para exprimir nas Nações Unidas sua comoção.

"A Máquina do mundo" consta do livro "Safrá — Poemas", editado e impresso pela Tipografia Jaguar, localizada à Rua José Augusto Correia, 119 em São Luís. As páginas do livro não são numeradas, mas, antes dos versos, Bandeira Tribuzi buscou em Galileu a epígrafe: "Eppur se muove". O poema

estendê-se por 14 páginas e começa assim:

"Ao princípio, eram grandes equilíbrios

nas arcadas do espaço conjugadas"

Pseudônimo de José Tribuzi Pinheiro Gomes, (o Bandeira ele o adotou para homenagear quem muito admirou: Manuel Bandeira) nasceu em São Luís, filho de pai português que o mandou para Coimbra, para o Seminário Maior. Mas ele não seria jamais o Frei José, mas o Bandeira Tribuzi, um homem de esquerda, que dividiu com o amigo José Ribamar — nome de batismo de Sarney — as agruras e prazeres da

carreira política como Deputado estadual, Deputado federal e Governador. Pouco antes de sua morte em 1977, editava em São Luís o jornal do amigo — **O Estado do Maranhão** — recebendo as sobras dos que no Estado combatiam o então Senador.

Um infarto matou Bandeira Tribuzi. O enterro parou São Luís. Seu corpo foi carregado pelo povo desde a Academia Maranhense de Letras ao cemitério; um percurso de cinco quilômetros. Pouco antes, completara 50 anos, homenageado pelos amigos, intelectuais como ele. Ontem, nas Nações Unidas, um desses amigos voltou a homenageá-lo: fez suas as palavras do poeta para falar em nome do país dos dois, o Brasil dos vários Brasis.

Reprodução — Dilmar Cavalher



Capa de "Safrá", onde foi publicado o poema